

## FICHA TÉCNICA

Título original: *Sense and Sensibility*

Autora: *Jane Austen*

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2013

Tradução: *João Martins*

Capa: *Vera Espinba/Editorial Presença*

Imagem da capa: *Susan Fox/Arcangel Images*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, maio, 2015

Depósito legal n.º 391 239/15

Reservados todos os direitos  
desta edição à

**EDITORIAL PRESENÇA**

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

## CAPÍTULO I

Havia muito que a família Dashwood se instalara no Sussex. As suas terras eram vastas e a residência situava-se em Norland Park, no centro da propriedade, onde, ao longo de muitas gerações, os seus membros tinham vivido com uma respeitabilidade que merecera a boa opinião generalizada da vizinhança. O último proprietário era um homem solteiro, que viveu até uma idade muito avançada e que teve na irmã, anos a fio, uma dona de casa e uma companheira constante. Porém, a morte dela, ocorrida dez anos antes da sua, trouxe ao lar grande perturbação; para compensar a perda, convidou e recebeu em casa a família do sobrinho, Mr. Henry Dashwood, legítimo herdeiro de Norland, a quem tencionava legar a propriedade. Na companhia do sobrinho e da sobrinha, bem como dos filhos destes, passavam aconchegados os dias do velho senhor. A estima que a todos tinha foi crescendo. A atenção constante de Mr. e Mrs. Henry Dashwood aos seus desejos, motivada não apenas por interesse mas também por bondade, proporcionou-lhe o mais pleno aconchego que a sua idade autorizava; e a alegria das crianças acrescentava sabor à sua existência.

De um casamento anterior, tinha Mr. Henry Dashwood um filho; da mulher atual, três filhas. O filho, jovem correto e respeitável, beneficiava de uma situação muito desafogada graças à fortuna da mãe, que fora grande, metade da qual recebera ao atingir a maioridade. Com o seu casamento, pouco depois, ampliara mais ainda tal riqueza. Para ele, portanto, o legado dos domínios de Norland não era verdadeiramente tão importante como para as irmãs; a fortuna destas, com efeito, excetuando o que lhes pudesse

tocar caso o pai herdasse aquela propriedade, só poderia ser pequena. A mãe delas nada possuía, e o pai, de seu, apenas sete mil libras; a outra metade da fortuna da primeira mulher também caberia ao filho, tendo ele somente o usufruto.

O velho senhor morreu: foi lido o testamento e, como quase sempre acontece, causou tanta desilusão como agrado. Não fora o legatário tão injusto, nem tão mal-agradecido, que esquecesse o sobrinho; mas outorgava-lhe os bens em tais condições que anulavam metade do seu valor. Desejara-os Mr. Dashwood mais a pensar na mulher e nas filhas que em si mesmo ou no filho; mas era justamente ao filho, bem como ao filho deste, um rapazinho de quatro anos, que a propriedade era transmitida, com tais restrições que o impossibilitavam de prestar auxílio aos entes que lhe eram mais queridos, e que mais necessitariam desse auxílio, por meio de alguma hipoteca sobre a propriedade ou de uma possível venda dos seus valiosos terrenos florestais. A herança era inalienável, a favor do rapazinho, que, em visitas ocasionais a Norland, com o pai e a mãe, conquistara o afeto do tio, através de encantos nada invulgares em crianças de dois ou três anos: uma fala trapalhona, um desejo sério de impor a sua vontade, uma data de arteirices e uma algazarra considerável, o suficiente para superar o valor de toda a atenção recebida, durante anos, da sobrinha e das respectivas filhas. Não quisera, no entanto, ser indelicado e, como prova da sua afeição pelas três meninas, deixara-lhes mil libras a cada.

A decepção de Mr. Dashwood foi, de início, profunda; mas tinha um temperamento alegre e otimista; e era de esperar que vivesse ainda muitos anos e que, vivendo regradamente, amealhasse um pecúlio considerável com o fruto de uma herdade que já era proveitosa e podia ser quase imediatamente melhorada. Contudo, a fortuna, que tanto tardara a chegar, não foi sua mais que um ano. Tão curto foi o tempo que viveu depois da morte do tio; e a dez mil libras, contando com o legado mais recente, se resumia o que restou para a viúva e para as filhas.

O filho foi chamado logo que o fim se anunciou iminente, e Mr. Dashwood recomendou-lhe, com as forças e a urgência que a doença lhe permitia, o cuidado da madrasta e das irmãs.

Mr. John Dashwood não tinha a robustez de sentimentos da restante família; mas tocou-o uma recomendação de tal natureza e em tal hora que prometeu fazer tudo o que pudesse para garantir o seu conforto. Tranquilizou-se o pai com semelhante promessa e Mr. John Dashwood teve então oportunidade de considerar quanto estaria prudentemente ao seu alcance fazer por elas.

Não era um jovem mal-intencionado, a menos que ser assaz insensível e assaz egoísta seja ser mal-intencionado; mas era, em geral, bem-visto: comportava-se com decoro no desempenho dos seus deveres quotidianos. Tivesse casado com uma mulher mais bondosa e ela poderia tê-lo tornado ainda mais respeitável — poderia até tê-lo tornado bondoso a ele; porque era muito novo quando casou e muito ligado à mulher. Mas Mrs. John Dashwood era uma caricatura tosca do marido — mais tacanha e egoísta.

Ao fazer a promessa ao pai, pensou para consigo em consolidar a fortuna das irmãs mediante uma doação de mil libras a cada uma. Na altura, sentia-se realmente disposto a isso. A perspectiva de quatro mil por ano, a juntar aos seus rendimentos presentes, além da outra metade da fortuna da sua mãe, aquecia-lhe o coração e fazia-o sentir-se capaz de atos generosos. «Sim, dar-lhes-ia três mil libras: seria um gesto liberal e magnânimo! Seria o bastante para as deixar completamente sossegadas. Três mil libras! Podia dispensar tão considerável importância sem grande inconveniente.» Pensou nisso o dia inteiro, e por muitos dias a fio, e não se arrependeu.

Mal terminou o funeral do pai, Mrs. John Dashwood, sem dar qualquer conhecimento das suas intenções à mulher do sogro, chegou acompanhada do filho e da criadagem. Ninguém podia questionar o seu direito de o fazer; a casa era do marido desde o instante em que o pai morrera; mas a indelicadeza da sua conduta tornava-se, por isso, ainda maior e, para uma mulher na situação de Mrs. Dashwood, dotada apenas de sentimentos simples, terá sido forçosamente muito desagradável — no *seu* espírito, porém, tão viva era a noção de honra, tão romântica a generosidade que qualquer ofensa desse jaez, independentemente de quem a fizesse ou sofresse, constituía para ela motivo de ina-

balável descontentamento. Mrs. John Dashwood nunca fora muito querida de nenhum dos membros da família do marido; mas não tivera oportunidade, até aí, de mostrar a que ponto conseguia ser escassa a sua atenção ao bem-estar dos outros quando a ocasião o requeria.

Tão agudamente sentiu Mrs. Dashwood este comportamento agreste, e tão seriamente desprezava por isso a nora que, quando esta chegou, teria abandonado a casa para sempre se a súplica da filha mais velha a não tivesse primeiro movido a refletir na conveniência de partir, e a extremada afeição que nutria pelas três filhas a não tivesse decidido depois a ficar, evitando, por amor delas, uma rotura com o irmão.

Elinor, essa filha mais velha, cujo conselho tão eficaz se revelara, possuía um poder de compreensão e uma serenidade de julgamento que a habilitavam, a despeito dos seus dezanove anos, a servir de conselheira da mãe e com frequência lhe permitiam contrabalançar, para bem de todos, aquela impaciência de Mrs. Dashwood que as mais das vezes teria redundado em precipitação. Tinha um coração de ouro; o seu caráter era afetuoso e fortes os sentimentos; mas sabia governá-los: era uma sabedoria que à mãe faltava ainda adquirir; e que uma das irmãs decidira jamais permitir que lhe ensinassem.

Os dons de Marianne eram, em muitos aspetos, idênticos aos de Elinor. Era razoável e esperta, mas em tudo ardente: as suas mágoas, as suas alegrias, não conheciam moderação. Era generosa, amável, interessante; tudo menos prudente. Saltava à vista a grande semelhança com a mãe.

Elinor reconhecia, com inquietação, o excesso de sensibilidade da irmã; mas Mrs. Dashwood prezava-o e acalentava-o. Agora, na violência daquela aflição, instigavam-se uma à outra. A agonia de dor que de início as subjugara era voluntariamente renovada, procurada, recriada uma e outra vez. Entregavam-se por inteiro ao desgosto, buscando dilatar o infortúnio em cada pensamento que pudesse dilatá-lo e decididas a não admitir no futuro qualquer consolo. Também Elinor vivia em grande tormento; mas ainda conseguia lutar, conseguia esforçar-se. Conseguira ouvir o

irmão, conseguira receber a cunhada quando esta chegara, e tratá-la com a cortesia devida; e conseguira insuflar na mãe um esforço semelhante, e animá-la a semelhante paciência.

Margaret, a outra irmã, era uma rapariga de boa disposição e bom feitio; porém, tendo já assimilado boa dose da índole romanesca de Marianne, sem muito partilhar da sua sensatez, não parecia destinada, com treze anos, a vir a igualar as irmãs numa fase mais avançada da vida.

## CAPÍTULO II

Mrs. John Dashwood assumiu-se como senhora de Norland; e a mulher do sogro e as cunhadas viram-se rebaixadas à condição de visitas. Enquanto tal, não obstante, eram por ela tratadas com sóbria civilidade; e, pelo marido, com toda a bondade que era capaz de nutrir por alguém que não a sua própria pessoa, a esposa e o filho. Insistiu ele, de facto, e com alguma sinceridade, para que elas considerassem Norland o seu lar; e, dado que nenhum plano parecia tão razoável a Mrs. Dashwood como permanecer ali até conseguir instalar-se em alguma casa das proximidades, o convite foi aceite.

Continuar num sítio onde tudo lhe recordava a ventura passada era precisamente o que se harmonizava com os seus desejos. Em épocas de alegria, carácter nenhum poderia ser mais alegre que o seu, nem possuir, em maior grau, essa fogaosa esperança de felicidade que é a própria felicidade. No desgosto, porém, igualmente se via arrebatada pela fantasia, e tão fora de qualquer consolo como, no júbilo, se achava ao abrigo de qualquer perturbação.

Mrs. John Dashwood não aprovava nem um pouco o que o marido tencionava fazer pelas irmãs. Subtrair três mil libras à fortuna do seu querido filhinho seria empobrecê-lo a um extremo pavoroso. Implorou que pensasse melhor. Como justificaria a si mesmo esbulhar o próprio filho, para mais o único que tinha, de tão avultada soma? E que direito sobre a sua generosidade poderiam invocar as meninas Dashwood, que apenas lhe eram meias-irmãs, coisa que ela já nem considerava família, que as habilitasse a tamanha maquia? Sabia-se perfeitamente que não era de esperar que

houvesse afeto entre filhos de diferentes casamentos de um mesmo homem; e porque haveria ele de se arruinar, a si e ao pobrezinho do seu Harry, esbanjando o dinheiro todo com as meias-irmãs?

— Foi o último pedido do meu pai — respondeu o marido. — Que eu velasse pela viúva e pelas filhas.

— Não sabia do que estava a falar, diria eu; aposto o que quiser que aquilo já era delírio. Se ainda tivesse o juízo todo, não lhe passaria pela cabeça pedir-lhe que deitasse fora metade da fortuna do seu próprio filho.

— O meu pai não estipulou nenhuma quantia em particular, querida Fanny; só me pediu, em termos gerais, que olhasse por elas, e que lhes garantisse uma situação mais confortável do que estava ao seu alcance dar-lhes. Talvez tivesse sido melhor deixar tudo na minha mão. Decerto não supunha que eu as fosse desamparar. Mas, como me pediu uma promessa, não pude senão fazê-la; na altura, pelo menos, foi o que eu pensei. A promessa, por conseguinte, foi feita, e tem de ser cumprida. Alguma coisa terei de fazer por elas quando saírem de Norland e se instalarem noutra casa.

— Bom, então *faça* alguma coisa por elas; mas *essa* coisa não precisa de ser três mil libras. Considere — acrescentou — que o dinheiro, quando vai, nunca mais volta. As suas irmãs hão de casar, e o dinheiro desaparece de vez. Se, na verdade, pudesse ser devolvido ao pobrezinho do nosso filho...

— Ah, decerto — disse o marido, com grande solenidade —, isso faria grande diferença. Poderá vir um dia em que Harry lamente que tão grande soma tenha desaparecido. Na circunstância de vir a ter uma família numerosa, por exemplo, seria uma ajuda muito conveniente.

— Sem dúvida que sim.

— Talvez, nesse caso, fosse melhor para todos diminuir a quantia para metade. Quinhentas libras seria um acréscimo prodigioso para as fortunas delas.

— Oh, seria incrivelmente fabuloso! Que irmão à face da Terra faria metade desse gesto pelas suas irmãs, ainda que fossem *mesmo* suas irmãs? E, na verdade, são só meias-irmãs! Mas o meu querido tem um espírito tão generoso!



— Gostaria de não estar a agir mal — retorquiu ele. — Em tais ocasiões, é preferível fazer em demasia a não fazer que chegue. Ninguém, ao menos, poderá dizer que não fiz por elas o suficiente: elas mesmas, não julgo que possam estar à espera de mais.

— Não há como saber o que podem *elas* esperar — disse a mulher — mas não vamos pensar nas esperanças delas. A questão é: o que é que o meu querido tem capacidade para fazer?

— Justamente. E eu julgo ter capacidade para lhes dar quinhentas libras a cada. Já assim, sem ajuda da minha parte, receberá cada uma cerca de três mil libras quando lhes morrer a mãe: uma fortuna muito confortável para qualquer jovem dama.

— Pois com certeza que é; e, na verdade, ocorre-me que até podem não precisar de ajuda nenhuma. Entre todas, hão de ter dez mil libras. Se casarem, achar-se-ão seguras de estar bem na vida, e, se não casarem, poderão viver muito desafogadamente todas juntas com os juros das dez mil libras.

— É bem verdade, e, assim sendo, não sei se, tudo considerado, não seria mais aconselhável fazer alguma coisa pela mãe enquanto é viva, mais do que por elas. Alguma coisa como uma pensão, quero eu dizer. As minhas irmãs também iriam usufruir dos benefícios. Cem libras por ano deixá-las-iam a todas perfeitamente à vontade.

A mulher hesitou um pouco, no entanto, em dar a sua aprovação àquele projeto.

— Sem dúvida — disse —, sempre é melhor do que perder mil e quinhentas libras de uma vez só. Mas, se Mrs. Dashwood ainda viver mais quinze anos, saímos completamente lesados.

— Quinze anos! Minha querida Fanny, a vida que lhe resta não há de chegar nem a metade desse gasto.

— Claro que não; mas, se vir bem, as pessoas vivem eternamente quando têm quem lhes pague uma pensão; e ela é muito forte e saudável, e ainda nem quarenta anos fez. Uma pensão é um assunto muito sério; ano após ano é preciso pagá-la, e não há maneira de uma pessoa se livrar daquilo. Não sabe o que está a fazer, meu querido. Sobre sarilhos de rendas aprendi eu muito; a minha mãe viu-se amarrada, por testamento do meu pai, ao paga-

mento de três pensões a umas antigas criadas, aposentadas por limite de idade, e é espantoso como foi desagradável para ela. Duas vezes por ano, tinha de as pagar; depois era o trabalho de lhas fazer chegar; depois, constou que uma delas tinha morrido, e, afinal de contas, era tudo menos verdade. A minha mãe ficou mais que saturada. Dizia que o rendimento não lhe pertencia deveras, perpetuamente sujeito, como estava, àquelas talhadas; e da parte do meu pai foi ainda mais cruel porque, de outro modo, o dinheiro teria ficado inteiramente à disposição da minha mãe, sem qualquer restrição. Ganhei tamanho horror a pensões que por nada deste mundo me iria prender, garanto-lhe, ao pagamento de uma.

— Não há dúvida de que é uma coisa desagradável — respondeu Mr. Dashwood — ter essas sangrias anuais no rendimento. A fortuna de uma pessoa, como muito bem diz a sua mãe, *não* lhe pertence. Ficar atado ao pagamento regular de semelhante maquia, de cada vez que vence o prazo, não é de todo em todo desejável: rouba-nos a independência.

— Inquestionavelmente; e no fim nem nos agradecem. Sentem-se seguros, o que fazemos é visto como mera obrigação, e isso não suscita o menor reconhecimento. Se fosse a si, o que quer que fizesse ficaria inteiramente sujeito ao meu arbítrio. Não me faria prisioneiro de nenhuma pensão anual. Em certos anos, pode não vir nada a calhar ter de tirar cem libras, ou cinquenta que sejam, às nossas despesas.

— Creio que tem razão, meu amor; melhor será que não haja pensão; tudo o que possa dar-lhes ocasionalmente lhes fará de longe maior proveito do que uma renda anual, porque, sentindo-se seguras de um rendimento mais largo, só iriam alargar o seu modo de vida, sem por isso ficarem seis *pence* mais ricas ao fim do ano. Por certo será esta a melhor decisão. Um presente de cinquenta libras de vez em quando evitará que alguma vez se vejam aflitas de dinheiro, e há de cumprir amplamente, julgo eu, a promessa que fiz ao meu pai.

— Pois com certeza que sim. Para dizer a verdade, estou intimamente convencida de que o seu pai nunca pensou que fosse dar-lhes dinheiro. O amparo que tinha em mente, atrevo-me eu a dizer, seria apenas o que era razoável esperar de si; como, por exem-

plo, procurar-lhes uma casinha confortável, ajudá-las a mudarem os pertences, mandar-lhes uns presentes de pesca e caça, e esse género de coisas, quando fosse a época. Punha as mãos no fogo em como não pretendeu dizer mais do que isso; na verdade, muito estranho e despropositado seria se tivesse pretendido. Pense bem, meu querido Mr. Dashwood, nos extremos de conforto em que poderão viver a sua madrastra e as filhas com os juro de sete mil libras, além das mil pertencentes a cada uma das raparigas, que lhes rendem cinquenta libras por ano a cada, soma da qual, naturalmente, hão de tirar o bastante para pagar à mãe o que comem. Por junto, terão quinhentas libras por ano entre todas, e para que haveriam quatro mulheres de precisar de mais do que isso? Irão viver por tão pouco! O governo da casa ficar-lhes-á em nada. Não terão carruagem, nem cavalos, nem pessoal quase nenhum; não farão vida mundana, nem despesas de nenhuma ordem! Pense bem como hão de viver à larga! Quinhentas por ano! Garanto-lhe que nem consigo imaginar como irão gastar nem metade; e, quanto a dar-lhes mais, é um disparate completo pensar nisso. Muito maior capacidade para lhe dar alguma coisa *a si* terão elas.

— Palavra que acho — disse Mr. Dashwood — que tem toda a razão. O meu pai com certeza não teria outro propósito, com o seu pedido, senão o que refere. Compreendo-o agora perfeitamente, e hei de cumprir à risca a minha promessa por meio de atos de amparo e gentileza como os que descreve. Quando a minha madrastra se mudar para outra casa, logo terá os meus préstimos para a alojar o melhor que estiver ao meu alcance. Nessa altura, também será aceitável algum pequeno presente de mobília.

— Naturalmente — tornou Mrs. John Dashwood. — De *uma* coisa, porém, não nos podemos esquecer: quando o seu pai e a sua madrastra vieram para Norland, embora a mobília de Stanhill tenha sido vendida, conservaram-se todas as porcelanas, pratas e roupa de casa, e ficou tudo para a sua madrastra. Uma casa nova ficará, portanto, quase completamente recheada apenas ela se instale.

— Eis, sem dúvida, uma consideração substancial. Um legado realmente valioso! E, no entanto, parte da baixela teria sido um complemento muito agradável para os nossos serviços.

— Sim; e o serviço de pequeno-almoço de porcelana é duas vezes mais bonito que o que pertence a esta casa. De longe demasiado bonito, na minha opinião, para qualquer sítio onde *elas* algum dia tenham meios de vir a morar. Mas é assim. O seu pai só pensou *nelas*. E uma coisa não posso deixar de dizer: é que não deve ao seu pai, meu querido, nenhuma gratidão particular, nem particular respeito pelos seus desejos; porque sabemos muito bem que, se ele pudesse, lhes teria deixado *a elas* quase tudo o que houvesse para deixar.

Este argumento foi irresistível. Dotou as intenções de Mr. Dashwood da carga de decisão que lhes faltasse; e ele concluiu enfim que seria absolutamente desnecessário, se não altamente indecoroso, fazer mais pela viúva e pelas filhas do seu pai do que aquela espécie de atos cortesios que a mulher destacara.